

OPINIÃO

A NOVA ECONOMIA MUNDIAL

JEFFREY D. SACHS

Professor de Economia reconhecido mundialmente, autor de “best-sellers”, inovador educador e líder global em desenvolvimento sustentável.



Os nove anos da Guerra na Ucrânia

Vasily Fedosenko/Reuters

No passado dia 24 de fevereiro não se assinalou um ano da guerra na Ucrânia, tal como os governos e media ocidentais referiram. Tratou-se do 9.º ano de guerra. E isso faz uma grande diferença.

A guerra começou com a violenta queda do presidente ucraniano Viktor Yanukovich em fevereiro de 2014, um golpe que foi ostensivamente – e veladamente também – apoiada pelo governo dos Estados Unidos. Desde 2008 que os EUA pressionavam a NATO no sentido do seu alargamento à Ucrânia e à Geórgia. O golpe de 2014, que derrubou Yanukovich, esteve ao serviço da expansão da NATO.

Há que contextualizar estes esforços persistentes em torno da expansão da NATO. Os Estados Unidos e a Alemanha prometeram, explícita e repetidamente, ao presidente soviético Mikhail Gorbachev que a NATO não se alargaria “nem um centímetro para Leste” depois de Gorbachev ter dissolvido a aliança militar soviética conhecida como Pacto de Varsóvia. Por isso, toda a premissa do alargamento da NATO era uma violação do acordo alcançado com a União Soviética e, dessa forma, com o Estado da Rússia.

Os neoconservadores têm defendido o alargamento da NATO porque querem cercar a Rússia na região do Mar Negro, à semelhança das pretensões do Reino Unido e de França na Guerra da Crimeia (1853-56). O estratega norte-americano Zbigniew Brzezinski descreveu a Ucrânia como o “eixo geográfico” da Eurásia. Se os Estados Unidos conseguissem cercar a Rússia na região do Mar Negro, e incorporar a Ucrânia na aliança militar norte-americana, a capacidade da Rússia para projetar o seu poder no Mediterrâ-



neo Oriental, no Médio Oriente e a nível global desapareceria – ou, pelo menos, é o que diz a teoria.

Claro que a Rússia viu tudo isto não só como uma ameaça geral mas também como uma ameaça concreta de se colocar armamento avançado junto às suas fronteiras. E isso tornou-se especialmente ameaçador depois de os EUA terem abandonado em 2002, de forma unilateral, o Tratado de Mísseis Anti-Balísticos – o que, segundo Moscovo, colocava uma ameaça direta à segurança nacional da Rússia.

Durante a sua presidência (2010-2014), Yanukovich procurou a neutralidade militar, precisamente para evitar uma guerra civil ou uma guerra por procuração na Ucrânia. Foi

uma escolha muito sensata e prudente para a Ucrânia, mas que se atravessava no caminho da obsessão neoconservadora norte-americana para com o alargamento da NATO. Quando eclodiram os protestos contra Yanukovich, em finais de 2013, relativamente ao adiamento da assinatura de um roteiro para aderir à União Europeia, os Estados Unidos aproveitaram a oportunidade para fazer com que os protestos escalassem para um golpe, que culminou com a queda de Yanukovich em fevereiro de 2014.

Os Estados Unidos imiscuíram-se implacavelmente – e veladamente – nos protestos, alimentando-os mesmo quando os paramilitares nacionalistas ucranianos da ala direita en-

traram em cena. Organizações Não-Governamental (ONG) norte-americanas despendem vastas quantias para financiarem os protestos e a queda do presidente. O financiamento por parte dessas ONG nunca veio a lume.

Houve três pessoas estreitamente envolvidas nos esforços dos EUA para derrubar Yanukovich: Foram elas Victoria Nuland – então secretária de Estado adjunta para os Assuntos Europeus e Eurasiáticos, e que ocupa atualmente o cargo de subsecretária de Estado para os Assuntos Políticos; Jake Sullivan, que é o conselheiro de segurança nacional do presidente Joe Biden e que desempenhou a mesma função junto do então vice-presidente Biden em 2014; e o próprio Bi-

É preciso que se diga a verdade. Ambos os lados mentiram e enganaram, e cometeram atos de violência. Ambos os lados precisam de recuar.

den (então vice-presidente e agora chefe da Casa Branca). Nuland foi apanhada numa célebre escuta telefónica durante uma chamada com o então embaixador dos EUA na Ucrânia, Geoffrey Pyatt, percebendo-se que estava a planejar o governo seguinte da Ucrânia e sem ter em conta as tentativas dos europeus para ajudarem na resolução do conflito (“Fuck the EU”, disse Nuland nesse telefonema).

A conversa intercetada revela a profundidade dos planos do trio Biden-Nuland-Sullivan. Nesse mesmo telefonema, Nuland diz: “Por isso, Geoff, sobre aquele assunto, quando escrevi a nota desta manhã, o Sullivan veio ter diretamente comigo dizendo que eu precisava da ajuda de Biden. E eu respondi que talvez amanhã, para as palmas de aprovação e para conseguir fazer funcionar os detalhes. Então, Biden está disposto a isso”.

O cineasta norte-americano Oliver Stone ajuda-nos a compreender o envolvimento dos Estados Unidos neste golpe, no seu documentário de 2016 intitulado “Ukraine on Fire” [Ucrânia em Chamas]. Exorto toda a gente a ver este documentário e a perceber como funciona uma operação de mudança de regime promovida pelos EUA.

Também insto toda a gente a ler os poderosos estudos académicos escritos pelo Professor Ivan Katchanovski, da Universidade de Ottawa (como este e este, por exemplo), que analisou criteriosamente todas as provas da Revolução de Maidan [nome, em ucraniano, da Praça da Independência, em Kiev, onde decorreram as violentas manifestações contra o pre-

sidente Viktor Yanukovich em finais de 2013 e em inícios de 2014; também conhecida como Revolução da Dignidade e Revolução Ucraniana de 2014] e que concluiu que grande parte da violência e assassínios tiveram origem não nos seguranças do presidente, como se alega, mas nos próprios líderes do golpe – que dispararam contra a multidão, matando polícias e manifestantes.

Estas verdades continuam a ser fortemente ocultadas pelo secretismo dos Estados Unidos e pela subserviência europeia perante o poder dos EUA. Deu-se um golpe em pleno coração da Europa, orquestrado pelos Estados Unidos, e nenhum líder europeu se atreveu a dizer a verdade. Seguiram-se consequências brutais, mas, ainda assim, nenhum líder europeu conta os factos de forma honesta.

O golpe foi o início da guerra, há nove anos. Um governo ultranacionalista, anti-russo, de direita e extra-constitucional tomou então o poder em Kiev. Após o golpe, a Rússia rapidamente se reapoderou da Crimeia, após um rápido referendo, e a guerra rebentou na região do Donbass quando os russos que estavam no exército ucraniano mudaram de lado para se oporem ao governo pós-golpe de Kiev.

A NATO começou, quase de imediato, a despejar milhares de milhões de dólares em armamento na Ucrânia. E a guerra escalou. Os acordos de paz de Minsk I e Minsk II, dos quais a Alemanha e França foram co-garantes, não funcionaram – em primeiro lugar, porque o governo ucraniano nacionalista se recusou a pô-los em

prática; e em segundo lugar porque a Alemanha e França não pressionaram no sentido da sua implementação, tal como foi recentemente admitido pela ex-chanceler alemã Angela Merkel.

Em finais de 2021, o presidente russo, Vladimir Putin, tornou bem claro quais eram as três linhas vermelhas da Rússia: (1) o alargamento da NATO para incluir a Ucrânia era inaceitável; (2) A Rússia manteria o controlo da Crimeia; e (3) a região do Donbass deveria tornar-se autónoma nos termos do Acordo de Minsk II. A Casa Branca de Biden recusou-se a negociar a questão do alargamento da NATO.

Resultado: a trágica e injusta invasão da Ucrânia pela Rússia teve início em fevereiro de 2022, oito anos depois do golpe que derubou Yanukovich. Washington já

gastou dezenas de milhares de milhões de dólares em armamento e apoio orçamental a Kiev desde então, dobrando a aposta na tentativa de expandir a sua aliança militar de Ucrânia e à Geórgia. As mortes e destruição no campo de batalha deste conflito em escalada são terríveis.

Em março de 2022, a Ucrânia disse que iria negociar com base na neutralidade. Nessa altura, a guerra pareceu ficar perto do fim. Foram feitas declarações positivas por dirigentes ucranianos e russos, bem como pelos mediadores turcos. Mas sabemos agora, pela boca do ex-primeiro-ministro israelita Naftali Bennett, que os Estados Unidos bloquearam essas negociações – favorecendo, em vez disso, uma escalada da guerra com vista a “enfraquecer a Rússia”.

Em setembro de 2022, a estrutura do Nord Stream – tanto no gasoduto I como no II – foi alvo de explosões. Atualmente há provas esmagadoras de que foram os Estados Unidos os responsáveis pelos estragos nos referidos gasodutos. Segundo o jornalista de investigação norte-americano Seymour Hersh, foram agentes dos EUA que provocaram as explosões na estrutura do Nord Stream – e o seu relato, além de altamente credível, não foi refutado em qualquer ponto relevante (se bem que tenha sido veementemente negado pelo governo norte-americano). Tudo aponta para que tenha sido efetivamente a equipa Biden-Nuland-Sullivan a liderar estes ataques ao Nord Stream.

Estamos a caminho de uma desastrosa escalada do conflito, a par com mentiras ou silêncio em gran-

de parte dos media da corrente dominante nos EUA e na Europa. Toda a narrativa de que o passado dia 24 de fevereiro marcou o primeiro ano da guerra é uma falsidade que esconde as razões para esta guerra e os meios possíveis para acabar com ela. Esta é uma guerra que começou devido à pressão impulsiva dos neoconservadores norte-americanos em prol do alargamento da NATO, seguida da participação – por parte desses mesmos neoconservadores – na operação de mudança de regime de 2014. Desde então, o que sucedeu foi uma vasta escalada em matéria de armamento, mortes e destruição.

Esta é uma guerra que tem de ser parada, antes que nos mergulhe a todos num Armagedão nuclear. Sinto grande apreço pelo movimento de paz, devido aos seus meritórios esforços, especialmente perante as descaradas mentiras e propaganda por parte do governo dos Estados Unidos e perante o medroso silêncio dos governos europeus, que agem como completos subservientes dos neoconservadores norte-americanos.

É preciso que se diga a verdade. Ambos os lados mentiram e enganaram, e cometeram atos de violência. Ambos os lados precisam de recuar. A NATO tem de parar de tentar o alargamento com a inclusão da Ucrânia e da Geórgia. A Rússia tem de se retirar da Ucrânia. Temos de prestar atenção às linhas vermelhas de ambos os lados para que o mundo possa sobreviver. ■

Coluna à quinta-feira

Toda a narrativa de que o passado dia 24 de fevereiro marcou o primeiro ano da guerra é uma falsidade que esconde as razões para esta guerra e os meios possíveis para acabar com ela.



Conselho de Administração Paulo Fernandes (Presidente), João Borges de Oliveira, Luís Santana, Ana Dias

Diretora Financeira Ivone Nunes

Diretor do Departamento Gráfico Pedro Freire

Diretora-Geral de Marketing Isabel Rodrigues

Diretor-Geral Comercial Luís Ferreira

Diretor de Circulação João Ferreira de Almeida

Diretora de Assinaturas e Reader Revenue

Rita Serrano

Diretor de Informática Rui Taveira

Diretor de Recursos Humanos Nuno Jerónimo

Diretora de Research Ondina Lourenço

Diretor Técnico Online Nuno Alves

negócios

Diretora Diana Ramos; **Diretor Adjunto** Celso Filipe; **Redatoras Principais** Filomena Lança (Coordenadora de Economia), Maria João Babo; **Grande Repórter** Rui Neves (Coordenador Porto); **Editores** João Maltez, Leonor Mateus Ferreira (Mercados), Lúcia Crespo (Weekend), Miguel Baltazar (Fotografia), Paulo Ribeiro Pinto (Economia), Pedro Curvelo (Online), Vítor Rodrigues Oliveira (Empresas); **Redação** Bárbara Silva, Carla Pedro (Coordenadora Online), Catarina Almeida Pereira, Cláudia Arsénio (Coordenadora Online), Diana do Mar, Diogo Mendo Fernandes, Fábio Carvalho da Silva, Filipa Lino, Hugo Neutel (Coordenador de Empresas), Inês Santinhos Gonçalves (Coordenadora Online), Joana Almeida, Maria Caetano, Mariana Ferreira Azevedo, Marta Velho (Coordenadora Online), Sara Ribeiro, Sílvia Abreu, Susana Paula; **Departamento de Arte** Mónica Santos (Coordenadora), Inês Alegria (Multimédia), Pedro Teixeira, Rui Santos (Online), Sílvia Arrochinho; **Departamento de Fotografia** Sofia Henriques; **Secretariado** Elisabete Monteiro, Teresa Nunes; **Colunistas** Aldino Campos, Álvaro Nascimento, António Moita, Armando Esteves Pereira, Bruno Faria Lopes, Camilo Lourenço, Cristina Casalinho, Edson Athayde, Fernando Ilharco, Francisco Mota Ferreira, Isabel Stilwell, Joana Garoupa, João Borges de Assunção, João Duque, Joaquim Aguiar, Jorge Marrão, José Sá Reis, Luís Marques Mendes, Luís Afonso (cartoonista), Luís Miguel Henrique, Luís Todo Bom, Manuel Falcão, Margarida Balseiro Lopes, Maria de Fátima Carioca, Paulo Carmona, Paulo Morgado, Pedro Brinca, Pedro Duarte, Pedro Fontes Falcão, Pedro Oliveira, Pedro Sousa Carvalho, Ramon O'Callaghan, Rui Soucasaux Sousa, Susana Quintana Plaza.

Redação Rua Luciana Stegagno Picchio nº 3 - 2º Piso - 1549-023 Lisboa, TEL. +351 210 494 000 (chamada para a rede fixa nacional) FAX +351 213 309 411

Assinaturas Telefone: 210 494 999 (chamada para a rede fixa nacional); e-mail: assine@cofina.pt; Correo: Remessa Livre 11258 - Loja da 5 de Outubro - 1059-962 LISBOA (não precisa de selo) ou escreva para: Cofina - Serviço de Assinantes - Rua Luciana Stegagno Picchio nº 3 - 1549-023 Lisboa; **Publicidade** Telefone: (+351) 210 494 076 (chamada para a rede fixa nacional) - Fax (+351) 210 493 159 - E-mail: publicidade@cofina.pt; **Impressão**: EGF-Empresa Gráfica Funchalense - R. da Capela Nossa Sra. da Conceição 50, 2715-311 Pêro Pinheiro; **Distribuição** Vasp - Distribuição de Publicações SA - Telef.: 21 4398500 (chamada para a rede fixa nacional) - Fax 21 4302499; **Propriedade/Editora** Cofina Media, S.A.; Rua Luciana Stegagno Picchio nº 3 - 1549-023 Lisboa; **C-Stúdio e Negócios em Rede** Marcas que representam a área de Conteúdos Patrocinados do Negócios.

Principal acionista Cofina SGPS, S.A. (100%); Contribuinte 502801034; CRC de Lisboa 502801034; Registo Edição Papel ERC 121571; Depósito Legal 120966/98; ISSN 0874-1360; Periodicidade Diário; Registo Edição Online nº 123 490 / ICS

